

O estatuto performativo das palavras da revelação da fé na filosofia de Jean Ladrière: sua Importância para a fé e para a teologia

The performative status of the words of revelation and of Faith in the philosophy of Jean Ladriere: your importance to Faith and theology

Thadeu Lopes Marques de Oliveira

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de apresentar alguns aspectos da filosofia de Jean Ladrière relacionados à palavra da fé, que segundo o autor, origina-se através da revelação e é definida por ele com o adjetivo: “performativo”. Tal conceito pode ser encontrado em artigos do autor, que compõem a obra: A articulação do sentido. Antes de descrever e analisar a palavra da fé, o autor contempla a necessidade metodológica de apresentar as diferentes formas de discursos existentes à nível científico e filosófico, para posteriormente explicar as particularidades da palavra da revelação e da fé, em comparação às outras formas de linguagem descritas de antemão. Este problema está inserido no contexto de uma reflexão filosófica crítica dirigida ao pensamento científico hodierno, ocasionada pela dificuldade que um espírito marcado por suas tendências de conhecimento tem para compreender a experiência e o modo de conhecimento da fé. Através dessa reflexão, apresentada por Ladrière, acreditamos ser possível extrair elementos para compreender mais profundamente a natureza do discurso da fé e sua pertinência, bem como a possibilidade da teologia, um discurso racionalmente válido.

Palavras-chave: Ciências. Filosofia. Jean Ladrière. Performativo. Racionalidade.

Abstract

The present article aims to present some aspects of the philosophy of Jean Ladriere related to the word of faith, which according to the author, originates through revelation and is defined by it with the adjective: “performative”. This concept can be found in the author's articles, which make up the work: The articulation of meaning. Before describing and analyzing the word of faith, the author contemplates the methodological need to present the different forms of discourses existing at the scientific and philosophical level, and then to explain the particularities of the word of revelation and of faith, in comparison with other forms of language described in advance. This problem is inserted in the context of a critical philosophical reflection directed to the current scientific thought, caused by the difficulty that a spirit marked by its tendencies of knowledge has to understand the experience and the mode of knowledge of the faith. Through this reflection, presented by Ladrière, we believe it is possible to extract elements to understand more deeply the nature of the discourse of faith and its pertinence, as well as the possibility of theology, a rationally valid discourse.

Keywords: Sciences. Philosophy. Jean Ladrière. Performative. Rationality.

Introdução

Jean Ladrière foi um filósofo de origem armênia, nascido em 1921, vindo a falecer em 26 de novembro de 2007. É considerado, no plano intelectual e humano, um dos professores mais respeitados do século XX. Sua carreira desenvolveu-se na Universidade de Louvain, Bélgica, onde fundou um centro de filosofia das ciências. A maior parte dos seus escritos são dedicados à epistemologia, lógica formal, matemática, filosofia da ciência e questões de linguagem. Sua obra¹ conta com mais de 200 artigos, sobre inúmeros temas filosóficos, além de conferências, em diversos continentes, e livros, que foram gradualmente publicados no decorrer de sua carreira;² entre os mais divulgados podemos citar: *A Articulação do Sentido*; *Os Desafios da Racionalidade* e *A fé cristã e o destino da razão*.³ É possível notar em suas obras uma preocupação com o domínio de conhecimento relativo a revelação, a fé e sua racionalidade,⁴ bem como a possibilidade da teologia. As obras citadas demonstram essa preocupação central;⁵ sempre abordando a problemática da fé no contexto geral das diferentes formas de linguagem e conhecimento humano.⁶

Ladrière afirmou que a questão que permeia o centro de sua obra é a relação vital entre fé e razão: “não é uma simples confrontação, mas uma relação justificável, refletida e vivida, entre fé e razão. É esta, a visão desta relação que, creio, subjaz na grande maioria dos textos que escrevi. Os outros textos são intervenções circunstanciais”.⁷ Acerca dele também afirmou Clodovis Boff: “Toda a produção desse filósofo tem um grande interesse para o teólogo”.⁸ Em sintonia com essa afirmação busca-se neste artigo apresentar uma das suas contribuições mais significativas à teologia, elementos filosóficos que possibilitam pensar a fé e a teologia no presente, de forma racionalmente válida.

Filósofo das ciências, era possuidor de um profundo conhecimento a respeito do modelo de ciência praticado em seu tempo, resultado de um longo processo histórico, minuciosamente compreendido por ele, não apenas em níveis de dados fáticos, mas filosoficamente refletido,⁹ empreendeu, também, uma crítica ao paradigma técnico científico, fundamentado pela racionalidade moderna.¹⁰ Este domínio lhe proporcionou uma profundidade reflexiva capaz de empreender uma crítica resposta à crítica do espírito científico à palavra da fé. Além disso, detinha também, profunda compreensão a respeito da metodologia científica das ciências humanas, que inicialmente

¹ LADRIÈRE, J., *Bibliographie de Jean Ladrière*. Coletânea feita pelo próprio autor de toda a sua obra, antes de sua morte no ano de 2007. Nesta obra consta a quase totalidade de sua obra, tais como artigos, livros, traduções, conferências, diversas produções técnicas e comunicações. Também é composta por uma breve biografia.

² PEGORARO, O., *Introdução*, p. 7-19.

³ LADRIÈRE, J., *A Articulação do Sentido*. O autor busca refletir sobre as relações existentes entre fé e razão à nível de uma filosofia da linguagem. Mas o tema central de fundo é o nível de racionalidade da fé; LADRIÈRE, J., *Os desafios da racionalidade*. Obra solicitada pela UNESCO ao autor onde aborda o tema que configura o título. Nesta obra o autor avalia a questão da racionalidade científica e seus desafios às culturas, como a sua diluição e a perda de sentido causada por este processo; LADRIÈRE, J., *A fé cristã e o destino da razão*. O tema central do conteúdo é a racionalidade da fé. O autor defende que os conteúdos da fé podem ser expressados em linguagens racionais.

⁴ PAIVA, C. H. M., *O problema da racionalidade da fé em Jean Ladrière*. Nesta obra o autor empreende uma pesquisa significativa a respeito do relacionamento entre razão e fé, questão central no pensamento de Jean Ladrière. PAIVA, C. H. M., *Linguagem e Fé na perspectiva de Jean Ladrière*.

⁵ VAN PARIJS, P., *Jean Ladrière, philosophe de toutes les sciences, penseur de l'espérance*, p. 239-241. Biografia sucinta, porém, significativa, de sua vida pessoal e acadêmica, bem como de sua obra. Apresenta a relevância de sua obra e pensamento para muitos campos do conhecimento humano, inclusive a teologia.

⁶ LADRIÈRE, J., *Comment et pourquoi, personnellement, je crois*, p. 248-269. Ladrière dedica um artigo extenso para explicar as razões que o levam a crer e dedicar esforço intelectual em compreender a sua fé. Um artigo que demonstra bastante pessoalidade, mas é um forte referencial e exemplo de um pensador de alto nível intelectual defendendo as razões de sua fé. Se dedica em esclarecer questões subjetivas e históricas a respeito da fé como fenômeno humano, situado historicamente; como também aborda questões referentes aos conteúdos da fé cristã.

⁷ VAN PARIJS, P., *Jean Ladrière, philosophe de toutes les sciences, penseur de l'espérance*, p. 239-241.

⁸ BOFF, C., *Teoria do método teológico*, p. 687.

⁹ LADRIÈRE, J., *Filosofia e práxis científica*. Obra direcionada à reflexão sobre as bases da ciência, sua formação histórica, reflexões filosóficas de autores centrais que formularam as bases teóricas, noção de verdade nas ciências, tipos diferentes de conhecimento. Preocupa-se também em refletir sobre as ciências humanas, não restringindo a análise apenas às ciências empírico-formais.

¹⁰ LADRIÈRE, J., *Os desafios da racionalidade*.

desenvolveram-se tendo como modelo teórico-formal e metodológico o mesmo que as ciências empírico-formais; exemplo: a física. Foi capaz de reconhecer essa limitação inicial (apesar de não a desqualificar completamente), assim como filósofos como W. Dilthey e H. G. Gadamer, que buscaram superar este entrave, buscando uma metodologia compatível epistemologicamente com o objeto.¹¹ Ladrière compartilha essa intuição.

Na esteira dessa vertente, valorizou a tendência hermenêutica do pensamento contemporâneo, o que ampliou a sua capacidade de análise das ciências empírico-formais e humanas, o que resulta numa compreensão mais ampla a respeito das diferentes formas do discurso humano e suas ligações. Ladrière, compreendia a maneira como o saber humano comportava-se, seu desenvolvimento e sua organização. Afirmava que a ciência, filosofia e a fé, são formas diferentes de conhecimento, apresentadas através de diferentes formas de linguagem, com metodologias diferentes, diferentes atitudes de espírito, onde, existencialmente, o homem se compromete inteiramente e através dos quais se relacionará consigo mesmo e com o mundo. Por isso, essas três instâncias do saber humano possuem relações diretas. Todas se apresentam como portadoras de metodologias que fornecem a verdade, o que resulta em conflito. Esse conflito, muitas vezes, trata-se apenas de um aparente choque entre os modos de conhecimento, ou seja, confusão metodológica. Mas esse fenômeno só ocorre quando uma dessas três instâncias assume o imperialismo dos critérios de verdade. Quando a ciência exige da fé ou da filosofia que se submeta aos seus critérios teóricos de análise e verdade.¹² Muitos dos desafios enfrentados pela fé, como uma realidade humana válida, frente ao crescente processo de secularismo e ceticismo moderno são resultados do imperialismo crítico das mentalidades que se apoiam nos critérios das ciências empírico-formais, portadores de uma metodologia específica.¹³ O mesmo processo afeta, também, a teologia como uma forma de conhecimento racional.¹⁴ A partir de então, o estatuto de verdade e validade de ambas, teologia e fé, começam a ser agressivamente questionados.¹⁵

1. A exigência crítica e o formalismo. Elementos subjacentes ao pensamento científico moderno e filosófico

Sensível a este processo contextual, Ladrière é estimulado a refletir e descrever as diferentes formas de conhecimento. Partindo da exigência crítica que configura o pensamento filosófico e

¹¹ PALMER, R. E., *Hermenêutica*. Esta obra narra historicamente as viradas sucessivas sofridas pela hermenêutica a partir de F. Schleiermacher até H. G. Gadamer, onde ela ganha um estatuto universal e metodológico referente às ciências humanas. GRONDIN, J., *Hermenêutica*. Esta obra é semelhante à precedente, porém, ela é historicamente mais completa, mas sua análise ao pensamento dos autores é reduzida em comparação a de PALMER. O autor também possui: GRONDIN, J., *Introdução à Hermenêutica filosófica*.

¹² LADRIÈRE, J., *A articulação do sentido*, p. 157-158.

¹³ ESTRADA, J. A., *Que decimos cuando hablamos de Dios? Teólogo Espanhol e filósofo, especialista em teologia fundamental*, o autor se debruça nos primeiros capítulos do livro sobre as dificuldades enfrentadas pela fé cristã e as demais, a partir do paradigma de pensamento científico e filosófico moderno onde a fé tem perdido cada vez mais seu espaço na sociedade atual. Apesar de estar situado em ambiente europeu, as análises do autor são aplicáveis a grande parte do Ocidente.

¹⁴ GRENZ, S. J.; OLSON, R. E., *A teologia do século 20 e os anos críticos do século 21*; GRENZ, S. J.; MILLER, E. L., *Teologias Contemporâneas*; OLSON, R., *História da Teologia Cristã*. Autores de origem protestante, porém, suas análises históricas não são delimitadas apenas às teologias de suas tradições, mas também às católicas. Apresentam, nestas três obras, as mudanças de paradigmas metodológicos que as teologias após o modernismo / iluminismo tiveram que se adequar para dialogar na mesma sintonia que o pensamento humano de sua época. Na maior parte exigências filosóficas, mas a própria filosofia adequou a sua metodologia gradativamente aos padrões teórico-formais das ciências empírico-formais de modelo cartesiano e kantiano.

¹⁵ Este processo sofrido pela fé também foi motivador de grande parte da reflexão e da obra do teólogo Joseph Ratzinger, que buscou combater o secularismo e o relativismo de forma apologética, recorrendo a grandes filósofos e teólogos. Dentre as obras com essa característica podemos citar: RATZINGER, J., *Fé, verdade e tolerância*; Os dois primeiros capítulos da obra: RATZINGER, J., *Natureza e missão da teologia*, respectivamente nomeados: *Fé Filosofia e Teologia*, onde trata do relacionamento entre fé e filosofia, tema espinhoso a partir do século XIX. *Natureza e liberdade do sistema acadêmico*, onde reflete sobre a possibilidade do pensamento humano em alcançar a verdade, ou em outras palavras: o Absoluto. Nestas obras é possível enxergar que o direcionamento de sua crítica são as formas de pensamento fundamentadas no relativismo resultante da filosofia de Kant. No primeiro capítulo da obra: RATZINGER, J., *Introdução ao Cristianismo*, Ratzinger reflete sobre a possibilidade e a natureza da fé no contexto moderno, realizando assim uma apologia ao fenômeno da fé e a racionalidade da fé cristã.

científico, e a necessidade que este último tem do formalismo, para depois avaliar as formas metodológicas de conhecimento das ciências da natureza, ciências humanas, e da filosofia, para enfim apresentar a palavra da fé e as diferenças qualitativas e metodológicas guardadas por ela em relação àquelas, salientando as relações existentes, algumas de natureza linguística, seu ponto referencial de análise.¹⁶ São formas de conhecimento desenvolvidas através de metodologias diferentes, expressadas através de linguagens diferentes. Esta reflexão fornece-nos elementos ricos para pensar a fé cristã e a teologia no contexto atual.

1.1. A exigência crítica, sistema e método

A filosofia e a ciência¹⁷ aparecem como especificações da ideia de conhecimento racional.¹⁸ Para que estas formas de saber sejam racionalmente comprovadas, surge a necessidade do “saber do saber”, uma manobra crítica do pensamento que será responsável pela justificação do conhecimento produzido. O pensamento busca operar de maneira negativa reduzindo todos os dados do conhecimento que chegam através da experiência natural do mundo, para que apenas os dados que resistem às destruições das evidências, sejam capazes de uma formulação de conhecimento embasada. Não se trata apenas de apreender conteúdos, mas da justificação racional das formas de apreensão. Estes conteúdos que resistem à essa operação serão evidências que tornar-se-ão elementos de base para a segunda etapa da exigência crítica, a necessidade de sistematização; apenas evidências racionais e criticamente testadas podem ser passíveis de sistematização. Esta segunda operação pretende ser uma reconstrução exaustiva da realidade. Os dados sistematizados são elevados à nível de verdade quando participam não de uma simples ligação conexiva, mas de uma concatenação necessária. O sistema só passa a ter valor na medida em que é capaz de ser explicado por seus elementos e realizar a operação inversa, explicar cada um de seus elementos partindo de todas as relações internas no sistema; ou seja, o sistema visa a completude, porém fechado em si mesmo.¹⁹ A forma de conhecimento que deseja receber a qualificação de racional deve se submeter à crítica; responsável pela medida de verdade. Neste caso é possível observar uma verdade relativa à sistemas específicos.

Existe, segundo Ladrière, uma terceira exigência da crítica, o método que é: “justamente esta determinação da exigência crítica por ela mesma, permitindo-lhe substituir a flutuação das intenções originárias pelo concreto de uma estratégia definida por planos precisos e rigorosos”.²⁰ A exigência crítica do pensamento sobre os dados e ele mesmo é algo totalmente vazio pois não é possível definir *a priori* a ideia diretora deste saber. Exigência é puramente exigência, deve existir um critério responsável por determinação inicial, esse critério é fornecido pelo método que permite a crítica “... controlar seus próprios passos e organizá-los conforme imperativos que decorrem de sua própria essência”.²¹

O próprio método é desenvolvido conforme o seu devir histórico. A filosofia sempre compreendeu que os métodos deveriam surgir e se aperfeiçoar de forma paralela, pois nenhum deles por mais desenvolvido e objetivo que seja, pode exigir das outras formas de pensamento que se adequem a ele. Os métodos são plurais, o objetivo de cada um deles é a inteligibilidade particular, que se encontra no sistema, que está submetido à mesma dinâmica do método, revela apenas um aspecto da inteligibilidade do real. Ladrière não intenta com essas palavras defender um pensamento relativista, sua preocupação é descrever em que consiste a essência do pensamento racional crítico.

¹⁶ ASTRAIN, R. S., El lenguaje de la fe en un mundo marcado por la racionalidad científica. Neste artigo o autor entende que na análise filosófica de Jean Ladrière às diferentes formas de linguagem racional e da metodologia do conhecimento, subjazem a mesma perspectiva: a filosofia da linguagem.

¹⁷ OLIVA, A., Filosofia da ciência. Obra que descreve os fundamentos do pensamento científico contemporâneo após a filosofia de Francis Bacon.

¹⁸ JAPIASSU, H., Filosofia da ciência. Obra que apresenta as ligações entre a ciência contemporânea e o seu desenvolvimento, proporcionado em grande parte pela reflexão filosófica. Filha da filosofia, mãe da razão, a ciência guarda intrinsecamente essa essência, a razão.

¹⁹ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 158-160.

²⁰ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 160.

²¹ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 160.

1.2. O domínio da formalidade

Além da exigência crítica, apresentada no ponto anterior, a ciência também se desenvolve, fundamentada formalmente, utilizando as matemáticas e a lógica, com relações vitais entre si. Poderíamos designá-la, a lógica em particular, falando da ciência dos sistemas formais, à condição por suposição de incluir na noção de “sistema formal” tanto às teorias matemáticas no sentido tradicional e às teorias lógicas, como todas as relações meta-teóricas que se relacionam com essas disciplinas.²² A lógica durante muito tempo foi considerada como uma ciência à parte, como a responsável pelo método. Assim gozava da responsabilidade de preceder todas as outras e fornecer os seus processos dedutivos e indutivos. A lógica era considerada o cânon universal da razão. Em nossos dias, a lógica tornou-se mais complexa, ramificando-se em disciplinas menores. Processo que a fez perder proeminência metodológica sob as ciências, porém, tornou-a mais eficaz.²³ A lógica já não é mais o método em si, na maioria dos casos, porém, é a ferramenta usada para formulação de métodos independentes relacionados às ciências particulares; exemplo: a química tem seu método, a biologia o seu, mas estes foram formulados tendo como ferramenta a lógica, como ciência. Ladrière afirma:

De preferência a falar de lógica, poderíamos falar da disciplina dos fundamentos. O objetivo desta disciplina não está em determinar, de antemão, os procedimentos da ciência, como se o trabalho científico não fosse mais do que a aplicação de receitas pré-estabelecidas; consiste em distinguir o estatuto exato dos conceitos fundamentais e dos procedimentos das ciências existentes, fornecendo lhes, assim, um fundamento crítico tão rigoroso quanto possível.²⁴

Cada ciência desdobra-se sobre uma disciplina fundacional correspondente. As vezes é possível distingui-las, como exemplo: a física teórica que provém de uma verdadeira “meta-física”; responsável em lhe fornecer seu *a priori* crítico. A lógica formal adotando o método das matemáticas se transformou na ciência geral dos sistemas formais, cada vez mais difíceis distingui-los da matemática. Com a pluralidade dos sistemas lógicos, é cada vez mais possível, reconhecer o campo da pura abstração formal; responsável pelos *a priorísticos* dos sistemas das ciências em geral.²⁵ Ou seja, a lógica e a matemática cada vez mais se fundem no campo da abstração formal do sistema científico, esse processo é o *a priori* crítico dos diferentes métodos que participam desse campo, o estabelecimento antecipado dos diferentes métodos científicos. Esse processo narrado pelo autor demonstra a rigorosidade com que se desenvolvem a princípio as ciências empírico-formais e humanas.²⁶

Neste amplo complexo, são levadas em consideração as questões relativas à operação de dedução, responsável por fornecer meios de chegar a proposições verdadeiras, regras e axiomas. Essas operações lógicas e semânticas são operadas com o auxílio da matemática. As noções operatórias são essenciais para a compreensão. Toda a noção de verdade das ciências fica restrita à essa metodologia, o campo do formal passa a ser o ditame do que cientificamente pode ser verdadeiro. O formalismo é o responsável por formulações de critérios cada vez mais rigorosos que deverão ser capazes de eliminar todos os possíveis equívocos. O pensamento formal é o pensamento que reflete e tem como objeto a si próprio, assim, o autor coloca a necessidade de sua relação com a crítica, apresentada no ponto anterior. O domínio do formal é o do pensamento puro. Essa preocupação é a que possibilita a ciência entender a forma como ela opera sobre a realidade. Se o pensamento formal e lógico se restringisse apenas a refletir e ter a si próprio como objeto estaria objetivando a concretização da formalidade absoluta, porém.²⁷

Na medida mesma em que ele acesse à plenitude da representação formal e, neste sentido, se tornasse organismo formal acabado, organismo lógico concreto, apareceria como exigente de sua aplicação em

²² ASTRAIN, R. S., El lenguaje de la fe en un mundo marcado por la racionalidade científica, p. 4.

²³ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 161.

²⁴ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 161.

²⁵ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 162.

²⁶ Neste caso as ciências humanas e históricas antes da virada hermenêutica.

²⁷ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 163-167.

nível de efetividade real, isto é, num domínio de objetos substanciais, ou ainda, como exigente de sua imersão no campo da “*physis*”. Enquanto domínio de aparição do formal puro, ou seja, do operatório enquanto tal, a lógica releva o laço ontológico que a vincula à física; patenteia aquilo que nela ultrapassa o puro lógico, surge como evidenciação da armadura *a priori* do mundo, como saber do mundo das formas de que o mundo real é, ao mesmo tempo, o suporte, a transposição visível e a verdade.²⁸

Como é possível observar, do que foi exposto até aqui, o pensamento científico, de modo geral, tem necessidade da crítica e do formalismo lógico, porém essas exigências, ao tornarem-se instâncias do seu modo de operar, para se concretizarem, precisam estar diretamente ligadas à realidade física, o mundo. A essência operatória do formal, pensado e sistematizado logicamente, fornece ao método e ao sistema científico as suas regras de como operar sobre a realidade. Ou seja, a ciência opera sobre o mundo através da própria estrutura do pensamento, enquanto objeto pensado logicamente, mas essa manobra operatória só é possível porque o mundo se apresenta fenomenologicamente e ontologicamente como fontes para o pensamento refletir a si próprio, fornecendo o seu *a priori*.²⁹

2. As diferentes formas de conhecimento

Com esses esclarecimentos, que subjazem as diferentes formas de conhecimento científico e filosófico, Ladrière, se entregará à tarefa de definir as diferentes metodologias de pensamento existentes à nível racional, ou seja, as que possuem sistemas e linguagens independentes, porém relacionais.³⁰ Assim se expressa: “contentar-nos-emos em aqui evocar a diferenciação [...] entre ciência (positiva) e filosofia, a diferenciação entre ciências formais e ciências do real, e, enfim, a diferenciação, esta, bem recente, entre ciências empírico-dedutivas e ciências hermenêuticas”.³¹ Nos pontos a seguir serão descritas as formas de conhecimento das ciências empírico-formais, ciências humanas / hermenêuticas e a filosofia.

2.1. Ciências Naturais ou empírico-formais

As ciências da natureza, como a química e a biologia, constroem-se sobre o modelo científico da física, são também chamadas de empírico formais, pois: assim como a física utilizam os recursos fornecidos pela lógica e matemática, para analisar os dados empíricos retirados da realidade; o mundo. São chamadas de “empíricas” e “naturais”, pois, o seu objeto são realidade físicas, como: substâncias químicas, elementos dos ecossistemas, fenômenos naturais, dentre outros. A classificação “formais” não é feita apenas pelo fato de apoiarem-se em recursos lógicos, mas, porque a própria formalidade é o critério crítico pelo qual seus métodos são pensados e formuladas processualmente.³² O ponto de partida é encontrar o sistema lógico-formal mais adequado possível à realidade a qual busca-se entender e explicar. À medida em que o formal, historicamente é desenvolvido e aperfeiçoado, é possível atingir critérios e ferramentas de análise mais adequadas. O problema epistemológico é: “buscar uma correspondência precisa entre as proposições do sistema formal e os enunciados empíricos nos quais se

²⁸ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 168.

²⁹ Esta é a ideia central do que Jean Ladrière busca apresentar nas páginas 161-168 da obra *A articulação do sentido*, dedicadas a descrição e explicação de como se desdobra o formalismo lógico científico. Com a especialização desse campo se tornou uma ciência concreta, com métodos concretos e resultados concretos, tornando-se capaz de fornecer regras que permitem pensar sobre si.

³⁰ Esta forma metodológica de filosofar está presente em alguns dos seus escritos. A preocupação em identificar as diferentes formas de sistemas, métodos e linguagens, dentro do campo científico está presente de forma notória em seu pensamento, para tanto citamos a obra: LADRIÈRE, J., Filosofia e práxis científica, p. 21-38. Onde o autor apresenta as diferentes formas de conhecimento, que neste texto ele reduz à três: a ciência, a filosofia e a teologia. A ciência descreve o real à nível operatório, a filosofia no que tange às questões ligadas ao absoluto, ao todo, a teologia possui uma explicação de seu objeto de forma hermenêutica. Neste texto Ladrière compreender as diferentes formas de explicações como hermenêuticas, no sentido lato do termo: interpretação. ASTRAIN, R. S., El lenguaje de la fe en un mundo marcado por la racionalidade científica, p. 4.

³¹ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 161.

³² ASTRAIN, R. S., El lenguaje de la fe en un mundo marcado por la racionalidade científica, p. 4; LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 168-174.

exprimem nosso conhecimento do dado”.³³ Devem, para assegurar essa operação, existir regras de interpretação encarregadas de fazer a mediação. Exemplo disso: no início da física moderna eram distinguidas as qualidades primeiras da segunda, para que as regras geométricas pudessem ser aplicadas à realidade física. Assim busca-se o padrão de medida correta fornecida pelo campo formal, as operações que se adequam ao objeto, tudo para que seja possível raciocinar corretamente sobre a realidade fenomenal. Ou seja, uma adequação mais precisa possível entre o real e o formal. A verdade só é alcançada quando há adequação entre o empírico e o formal; reconstituição da teoria ao *a priori* abstrato: a teoria. Isso exige mecanismos de verificação; novamente podemos ver a crítica. O que interessa é a força explicativa da teoria, mas: “na medida em que uma teoria sustenta sua colocação à prova, assume um certo peso de verdade, mas isso não significa, absolutamente, que ela produza uma espécie de duplicação representativa da realidade”.³⁴

Para Ladrière, compreendemos a natureza à nossa maneira e tentamos imitar as suas operações. Nossas explicações são na realidade produtoras, reproduzimos o que a natureza produz, através de analogias fornecidas pelo formalismo. Pode-se até mesmo afirmar que buscamos “falsificar” o real. Neste caso a ciência é uma linguagem explicativa, que replica e copia o mundo a sua volta apoiando-se no formalismo. Dessa maneira é descrita sucintamente a forma de conhecimento e o método das ciências naturais, a sua maneira de conhecer, compreender e chegar à verdade e à linguagem que faz uso. Essa categoria do saber humano e a forma de conhecimento que dela deriva foram as que lançaram os maiores questionamentos aos fundamentos da fé e da teologia. Com a chamada “morte da metafísica”, empreendida por Immanuel Kant, a possibilidade de pensar o absoluto, e qualquer realidade não inserida no plano empírico, foi desafiada, para muitos anulada. Os “imperialismos dos critérios de verdade”, citados por Ladrière,³⁵ podem ser representados pelo exemplo citado.³⁶

2.2. Ciências humanas ou hermenêuticas

Segundo Ladrière³⁷ o desenvolvimento das ciências humanas inspirou-se em parte nos modelos das ciências da natureza. Porém, a natureza do objeto das ciências humanas clamava por um método mais coerente à sua realidade. Porém, para outras ciências como a antropologia cultural, o caminho da abstração é menos visível. Para compreender uma cultura seria necessário revê-la, revestir-se dela e através da linguagem poética e simbólica ser capaz de traduzir o seu conteúdo para outros universos culturais. Esse fato, inicialmente, induziu a pensar que não haveria antropologia cultural científica no sentido estrito. A escola estruturalista, buscando se ajustar aos padrões do formalismo, mostrou ser possível encontrar relações nas bases das diferentes culturas, como a linguagem simbólica e mitológica, e submeter estes dados a uma formulação formal.³⁸ Estes projetos metodológicos e outros semelhantes, são ainda reflexo de um imperialismo dos critérios de verdade das ciências empírico-formais sobre as ciências humanas, ainda pouco conscientes de si e de seus critérios individuais.³⁹

Porém, a experiência histórica das ciências humanas e a necessidade de interpretação, fez surgir a vertente hermenêutica, que surge como um novo método atendendo à necessidade de compreender as ações de personagens passados e textos antigos. Regras de interpretação cada vez mais especializadas e

³³ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 168-169.

³⁴ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 170-172.

³⁵ LADRIÈRE, J., Os desafios da racionalidade. Obra dedicada ao imperialismo dos assim chamados “critérios de verdade” das ciências técnicas e seus reflexos nas culturas. Resultado mais direto: choques depreciadores de sua verdade e conteúdo.

³⁶ Ratzinger, em alguns artigos e conferências (publicadas posteriormente), abordou esse fato em relação à exegese bíblica, que adequou amplamente os fundamentos de suas metodologias hermenêuticas e interpretativas, aos modelos formais e teóricos das ciências empírico-formais. Grande parte da metodologia histórico-crítica do século XIX e XX, segundo ele, está marcada por esse fenômeno Conferir: RATZINGER, J. A interpretação Bíblica em crise, p. 111-140.

³⁷ Jean Ladrière não reflete acerca de questões apenas hermenêuticas neste texto, é uma temática presente em seu substrato de pensamento assim como a linguística filosófica. No artigo “Filosofia e práxis científica” (p. 21-38), o autor tem como eixo central da reflexão a ciência como uma forma de compreensão e interpretação do mundo, analisando o caráter hermenêutico das ciências empírico-formais, filosofia e teologia.

³⁸ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 174-175.

³⁹ PALMER, R. E., Hermenêutica; GRONDIN, J., Hermenêutica. O autor também possui: GRONDIN, L., Introdução à Hermenêutica filosófica.

sistematizadas permitiram ao cientista humano um acesso ao seu objeto até então ainda não experimentado. Não temos acesso direto aos fatos históricos e às intenções que os motivaram, por isso a necessidade de interpretação. Apesar disso ainda persiste em semelhança com método empírico-formal, pois ainda se trabalha com hipóteses, ou seja, reconstruções de uma determinada realidade. Todos os elementos que podem influenciar em uma interpretação passaram a ser objetos de reflexão e análise, a ponto da hermenêutica se especializar como uma ciência autônoma, assim como a lógica formal.⁴⁰ A intenção externa ao personagem histórico e o texto, o contexto histórico, as motivações recebidas, os agentes que exercem influência, todos esses elementos trouxeram à consciência hermenêutica que o mundo das interpretações e significações não é tão simples quanto, à primeira vista, parecia ser.⁴¹ A hermenêutica revela uma nova forma de linguagem, de conhecimento e de critérios de verdade, essa passa a ser uma adequação total da interpretação a intenção causal da realidade a ser interpretada.⁴² Revela o caráter interpretativo da existência, até então pouco valorizado pelas formas de conhecimento humano.

Assim como o pensamento puro, enquanto pensamento da operação é, em definitivo, pensamento dele mesmo, dado que só é pensamento da operação sendo ele próprio operação, assim também a reflexão hermenêutica revela-se, em última análise, enquanto elucidação das significações, como apreensão da significação por ela própria, visto que, nela, as significações se mostram precisamente na sua função significante e que esta função reporta não a um objeto privilegiado qualquer ou a qualquer domínio em si, mas sim, a um movimento fundamental de desvelamento que é a própria existência, e que, em nada mais consiste do que o puro surgimento do sentido, no advento da significação à luz.⁴³

Ladrière entende que a hermenêutica, em seu destino último, como interiorização da vida significativa já orienta para uma zona de conhecimento que está nos limites entre o campo das ciências e da filosofia, penetrando no campo da reflexão filosófica.⁴⁴ O autor afirma que a hermenêutica tem o potencial de ir mais longe, até o ponto de ser uma reflexão generalizada, se tornando assim uma filosofia.⁴⁵

2.3. Filosofia

Para Ladrière a filosofia começa a partir do momento em que “o pensamento se torna capaz de explicitar a dimensão da vida universal como vida absoluta”. Para tanto é necessário reduzir todas as intenções fundadoras fornecidas por regionalidades do pensamento. Busca-se o saber da universalidade, o fundamento último do pensamento. Ele o chama de “fundamentos universais”, que não podem ser confundidos com um sistema capaz de englobar todas as espécies de conhecimento, o fundamento universal é a sua possibilidade. A tarefa da filosofia seria elucidar a natureza própria da vida universal, do fundamento último. Por ser um saber crítico, como foi afirmado no primeiro ponto, a filosofia necessita de método, e como formular um método capaz de apreender tal objeto, se é que pode ser chamado assim. Cada grande sistema filosófico buscou de maneira diferente, uns através da intuição, outros da análise regressiva ou da reflexão. Porém, em todos esses, há uma familiaridade que classifica o pensamento filosófico que é “um pensamento que visa encontrar uma origem absoluta e com ela coincidir”.⁴⁶

O pensamento filosófico visa o real, porém, quer apreendê-lo em sua gênese. Essa gênese é a instauração de uma ordem da qual é princípio e da qual participa da sua própria lei e natureza, ao apreender essa lei o pensamento torna-se capaz de compreender o desenrolar do mundo, que é fruto de

⁴⁰ RICOEUEUR, P., Interpretações e ideologias, p. 18-42. Neste capítulo descreve historicamente como das hermenêuticas regionais, se passou à hermenêutica geral.

⁴¹ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 176-179.

⁴² ASTRAIN, R. S., El lenguaje de la fe en un mundo marcado por la racionalidade científica, p. 4-5.

⁴³ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 179-180.

⁴⁴ Projeto de hermenêutica formulado por Martin Heidegger, em sua hermenêutica fenomenológica da existência (GRONDIN, J., Hermenêutica, p. 37-54; GRONDIN, L., Introdução à Hermenêutica filosófica).

⁴⁵ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 180.

⁴⁶ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 180-182.

uma vontade de ordem, organizado, cujas partes estão ligadas umas às outras. Esse resultado assume a forma de um sistema, configurado de diferentes maneiras, sempre preocupadas com a unificação que é própria da fonte absoluta, responsáveis pelas diferentes formas de saber que:

[...] se diversificam, a inteligibilidade se pluraliza, o logos se fragmenta. Sem dúvida, suas diferentes figuras históricas são chamadas a se encontrar, no tempo da realização, sob a forma de uma celebração comum da verdade, mas não podemos nos representar esta coincidência. Só podemos assinalar as diferenças e, no máximo, sublinhar as analogias que, de um registro a outro, estabelecem uma secreta comunicação entre as diferentes visões da verdade. Para nós, só há comunicação visível e explícita nas origens, isto é, na visão fundadora de uma crítica universal, compreendida como condição de instauração de um discurso adequado, ou seja, de um sistema exaustivo da palavra.⁴⁷

Descritas as diferentes formas de conhecimento, a reflexão do autor desemboca na palavra da fé, uma forma de linguagem essencialmente diferente das outras, mas que também guarda relações com elas.

3. A palavra da Fé. Linguagem performativa

As exigências críticas da racionalidade moderna, explicitadas acima,⁴⁸ automaticamente impuseram desafios à fé e à teologia, exigindo delas que se adequassem aos padrões, racionais, metodológicos, linguísticos e sistemáticos,⁴⁹ propondo ao pensamento que parte da revelação um desafio epistemológico,⁵⁰ até então inédito. A nova compreensão acerca do que é um conhecimento racional, modifica o estatuto da teologia como uma ciência frente aos modelos de ciências empírico-formais. A teologia sempre buscou demonstrar a sua racionalidade, bem como a fé, através da mediação filosófica, porém, a filosofia sofre uma modificação que influencia de forma direta a possibilidade de pensar a teologia. A fundamentação científica moderna, parte da filosofia cartesiana, que lança as bases do pensamento moderno, que têm seu auge na filosofia kantiana,⁵¹ uma das principais responsáveis pelos entraves colocadas à teologia.⁵² Através da contribuição que Ladrrière nos fornece em suas obras, especificamente nessa (Ciência, filosofia e fé. In: A articulação do sentido), é possível encontrar um novo caminho para prosseguir na caminhada empreendida pela teologia desde o seu surgimento, explicar a fé, apresentar a sua pertinência e a sua forma de racionalidade própria, frente ao mundo,⁵³ propagando o Evangelho do Reino.

⁴⁷ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 183.

⁴⁸ Ladrrière dedicou uma edição completa, no final de sua vida, à uma obra que tinha como tema central a fé. LADRIÈRE, J., A fé cristã e o destino da razão.

⁴⁹ GRENZ, S. J.; OLSON, R. E., A teologia do século 20. GRENZ, S. J.; MILLER, E. L., Teologias contemporâneas. OLSON, R., História da Teologia Cristã. TILLICH, P., Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX. Nesta obra o teólogo protestante de origem alemã, apresenta as mudanças de paradigmas que transformaram a teologia protestante a partir do iluminismo. Esse esforço empreendido por muitos personagens, inicialmente de forma mais expressiva por Friedrich Schleiermacher, de responder teologicamente e racionalmente aos padrões do pensamento moderno iluminista, provocou uma mudança no método teológico, que passa a se comportar, muitas vezes de acordo com os cânones críticos, sistemáticos e metódicos das ciências naturais.

⁵⁰ GUARDINI, R., Sagrada Escritura e ciência da fé, p. 55-110. Neste extenso artigo o autor reflete sobre as diferenças epistemológicas que existem entre as ciências que se preocupam com a realidade e a teologia, ciência da fé, que parte da revelação e se preocupa em explicar e compreender as coisas de Deus. O autor entende que é possível um relacionamento entre ambas, mas com limites que precisam ser respeitados, para que ambas não sejam prejudicadas.

⁵¹ LADRIÈRE, J., Filosofia e práxis científica, p. 39-61. Neste capítulo, intitulado “Filosofia e ciência”, o autor apresenta a forma como a ciência natural se apresenta como um resultado de um processo iniciado na filosofia cartesiana, passando por Kant até Edmund Husserl.

⁵² PANNENBERG, W., Filosofia e Teologia. O eixo central da obra consiste em mostrar o relacionamento que sempre existiu entre a teologia cristã e a filosofia. O autor salienta que a teologia sempre se relacionou com a filosofia motivada pela busca de comprovar a racionalidade da fé cristã e da teologia provinda dela.

⁵³ FORTE, B., A Teologia como: companhia, memória e profecia. Na primeira parte o autor apresenta o aspecto missionário da teologia, enquanto companheira da fé a defende e a esclarece, por motivos de propagação da palavra da fé e sua reta compreensão frente ao mundo. Para demonstrar esse fato o autor apresenta um breve percurso histórico da teologia, dividido em três etapas, cada uma delas responsável por uma espécie de relacionamento entre a teologia e diferentes filosofias, que resultavam em momentos metodológicos diferentes.

As ciências que operam sobre os cânones descritos anteriormente são as ciências naturais e empírico-formais, exemplo: a física, a química, a biologia, dentre outras. Porém, alguns cientistas da área de humanas não acreditam ser possível operar sobre seu objeto com essas últimas. As ciências humanas possuem uma espécie de linguagem científica, um modo de conhecimento particular um critério de verdade próprio. Por isso, operam hermeneuticamente. O mesmo podemos dizer em relação à filosofia e a fé, são linguagens e modos de conhecimento diferentes, diferentes posturas existenciais, e diferentes critérios de verdade. Todas justificáveis racionalmente, porém se manifestam de formas diferentes.⁵⁴ Quando uma das diferentes formas de conhecimento e linguagem, citadas acima, pretende se tornar absoluta, arrogando para si os únicos critérios válidos para se chegar à verdade, ela fere a dinâmica geral do conhecimento humano, que está aberto a diferentes métodos e manifestações linguísticas, plenas de racionalidade. Ladrière entende que:

[...] dado que o que frequentemente se descreve como um conflito de mentalidades, não passa, muitas vezes, de um conflito aparente entre modos de conhecimento, [...] confusão metodológica. [...] uma espécie de imperialismo dos critérios de verdade, que pretende aplicar a todos os domínios e a todas as situações, aquilo que só é legítimo e fecundo no domínio do empiricamente verificável. [...] ou porque se crê poder estender a toda a experiência, os métodos e os conceitos que valem apenas para um de seus setores, ou porque se pensa poder reduzir à unidade de uma “visão”, todas as ordens de verdade. Há uma preocupação pela síntese que é legítima e fecunda, mas, pouco a pouco, descobrimos que a síntese não pertence talvez à ordem da representação, é de natureza escatológica e, por conseguinte, objeto de esperança, não de demonstração. O caminho da síntese passa pelo reconhecimento da pluralidade de ordens.⁵⁵

Partindo do problema imposto à fé e a teologia, pelo “imperialismo dos critérios de verdade” lançados pela mentalidade científica, Ladrière afirma que: “poderemos dizer, portanto, que a linguagem da fé, é por todos os seus aspectos, uma linguagem performativa”.⁵⁶ Resta agora, a tarefa de explicitar os motivos, de acordo com o seu pensamento, para tal definição. Na experiência da fé a palavra também desempenha um papel fundamental.⁵⁷ As palavras, ou linguagens, dos sistemas descritos no ponto anterior, nos aproximam gradativamente da verdade, a palavra da fé parte da revelação, como aceitação, da livre manifestação de Deus sobre o mundo, onde o destino humano e o ser de Deus estão interligados. A “palavra da fé”⁵⁸ é esperança nas promessas contidas na mensagem e a aceitação dos desígnios de Deus, onde o homem entrega-se totalmente.⁵⁹ Enquanto as demais formas do saber têm como ponto de partida a própria formulação do conhecimento humano, a palavra da fé, que parte da revelação, recebe seu conteúdo e ponto de partida de um objeto absolutamente exterior. Ladrière salienta a primeira diferença entre a palavra da fé e da ciência ao afirmar: “Enquanto o discurso do saber tenta condensar o real no sistema, encontrando, assim seu lugar próprio somente na universalidade da abstração, a palavra da revelação, como a palavra da fé são relativas a acontecimentos e, em si mesmas, são mesmo constitutivas de acontecimentos”.⁶⁰

Exemplos: Deus se manifesta visivelmente em Jesus Cristo, gerando a conversão e a fé. Ao passo que Deus se revela, ele cria uma realidade factual, e uma realidade externa ao fato; a aceitação dos fatos e de sua mensagem, gera a conversão, nas pessoas, logo uma transformação no ser humano. Nosso autor vai mais longe ao afirmar que o discurso do saber visa apenas a uma duplicação do que já existe, pela palavra explicativa, ao passo que repete o real e suas operações para compreendê-lo. Em contrapartida a palavra da fé faz existir, pela sua força, uma nova realidade, a obra de salvação, que não pode ter seu

⁵⁴ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 157-158.

⁵⁵ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 158.

⁵⁶ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 230. Esta citação está inserida no último capítulo da obra: A articulação do sentido, intitulado: A problemática da linguagem da fé, onde o autor conclui a obra descrevendo de forma particular os elementos referentes a ela, abordados no decorrer da obra. p. 227-242. Ladrière dedica um capítulo para explicitar o que ele entende por linguagem performativa. Neste capítulo ele aborda dois autores, suas referências, Evans e Austin, usando a filosofia analítica destes para extrair elementos. A partir do pensamento destes dois autores ele formula a sua contribuição sobre a linguagem performativa da fé.

⁵⁷ ASTRAIN, R. S., El lenguaje de la fe en un mundo marcado por la racionalidad científica, p. 5-6.

⁵⁸ Sempre que for usado o conceito “palavra da fé”, é em referência ao tipo de linguagem que surge da revelação

⁵⁹ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 183-184.

⁶⁰ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 184.

sentido redutível aos das linguagens empírico-formais, das ciências hermenêuticas e da filosofia, apesar de poder usar seus esquemas para o processo de conhecimento. Quando afirma que não é redutível quer afirmar que a palavra da fé transcende a estas, apesar de alguns de seus elementos poderem ser submetidos às suas formas de compreensão. A palavra da fé ao passo que se manifesta, cria, por isso é “performativa”, sendo ela mesma, ato de constituição da nova criação, a instauração do Reino de Deus; aqui já é apresentada a sua dimensão escatológica.⁶¹

Por manifestar-se no real, a palavra da fé se relaciona com a verdade, exigindo o esforço da compreensão (aqui podemos encontrar seu contato com as outras formas de saber como: a hermenêutica e a filosofia), não resumindo-se apenas a isto. Ao revelar Deus, faz conhecer melhor o próprio homem. Porém, a fé possibilita um tipo de saber específico, relacionado ao mistério de Deus; não se tratando apenas de um apelo à vontade. Por isso, seu estatuto epistemológico é diferente dos demais, por ser originado de forma diferente, e estar situado no contexto da revelação. Não é apenas uma justificação da experiência, um discurso histórico, nem mesmo discurso dialogal, guarda todos esses elementos ultrapassando-os.

Antes do mais, porém, é essencialmente anúncio, a partir do que todos os seus outros caracteres devem ser reinterpretados: é anúncio da boa nova da salvação e este anúncio não consiste na simples comunicação de uma informação, mas sim, na realização efetiva daquilo que ele próprio diz. É, portanto, palavra operante, num sentido absolutamente radical, de modo absolutamente originário.⁶²

Operação que não é apenas formal, ação vazia, como a lógica formal que é pura abstração. Enquanto, a filosofia alcança uma lei particular da gênese contida na vida universal, a palavra da fé remete à gênese absoluta, surgimento puro, ruptura instauradora, onde tudo o mais se submete; uma ordem absolutamente original e irreduzível. Trata-se de uma proclamação que “faz existir o que diz, na ação mesma de dizê-lo”.⁶³ A proclamação da fé não é apenas ratificação, reconhecimento ou louvor, mas, discurso articulado que emprega termos e proposições carregadas de sentido plenamente perceptível. Essa característica é a que guarda uma de suas relações diretas com a verdade. O conteúdo da fé apoia-se no que é dito no “Credo”, e sua relação com a verdade e o tipo de inteligibilidade própria “devem ser compreendidos a partir da essência da proclamação e não sobre o modelo do discurso científico ou filosófico”.⁶⁴ A proclamação do Credo não é pura repetição “mágica” por si mesma eficaz, a cada vez que é explanada é um ato novo, faz verdadeiramente existir de um modo novo. Este processo é existencial e afeta toda a vida daquele que assume esta realidade individualmente. A cada conversão, é ato da revelação e da palavra de fé completamente nova, apesar de possuir um ato fundante na história.⁶⁵

A palavra da fé não guarda apenas a compreensão do homem ou da realidade que o cerca, mas principalmente de Deus mesmo. A fé é também compreensão da própria fé, mas este aspecto é secundário. O essencial da fé está em: ao se proclamar ela abre o mistério que proclama e novamente assume o anúncio original. A sua compreensão está baseada na aceitação da vontade, o que torna real aquilo que almeja. Não se trata, apenas de uma operação da inteligência, como as ciências e a filosofia, mas, de uma operação do coração, onde a existência se assume por completo.

A compreensão e incompreensão de si mesma e de seu objeto guarda a sua dimensão de mistério. A cada nova compreensão de si e do que visa, ela proporciona uma nova indicação das clarezas que estão ainda por vir, processo este que é infinito, o que traz a categoria de esperança. Esperar é aguardar a plenitude da manifestação. Esclarece-se assim a relação da fé com a verdade. O que ela faz ver é uma verdade que, simultaneamente, é manifestação e simples anúncio de si mesma. Das proposições que proclamamos, o que podemos compreender, é que nelas há promessa de uma compreensão que está por advir. A relação da fé com a verdade é escatológica, ou seja, plenamente atual e, ao mesmo tempo, inteiramente por vir. Na proclamação do Credo, realiza-se verdadeiramente o que ele anuncia e, simultaneamente, porém, apenas

⁶¹ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 184.

⁶² LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 184-185.

⁶³ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 185.

⁶⁴ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 185.

⁶⁵ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 185-186.

anuncia o que já realiza. Por ser a inteligibilidade própria à fé a de uma ordem escatológica, podemos compreender como e porque a fé, a um tempo, é ratificação de uma verdade já presente e efetuação de uma verdade que está para vir, porque motivo nela existe uma efetuação da verdade, assim como uma incessante verificação do que é efetuado.⁶⁶

A fé tem seu estatuto de mistério porque seu fundamento último é a Palavra Viva, a própria revelação que se auto anuncia e diz: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”. Com essa citação do Evangelho de João, o autor nos remete à originalidade da forma de conhecimento que vem da revelação e da palavra da fé, que não é apenas uma explicação do real, como as ciências e a filosofia, apesar de possuir essa capacidade; de acordo com Ladrière, a fé, como forma de conhecimento, lida com o “fundamento”, sem ele não seria possível ciência e filosofia, formas de conhecimento ligadas à “vida”.⁶⁷

Considerações conclusivas

Ao apresentar a análise feita pelo filósofo Jean Ladrière às diferentes formas de conhecimento científico e filosófico, explorando a comparação que ele mesmo realiza entre elas para com a palavra da revelação e da fé, é possível encontrar elementos para realizar uma nova justificativa racional da fé e da teologia frente à racionalidade moderna, onde impera o absolutismo das formas de conhecimento das ciências naturais e empírico-formais, crítica essa empreendida pelo autor, em grande parte de sua obra. O autor ao expressar, em sua obra, o funcionamento linguístico e a racionalidade específica da fé, além de nos fazer compreender melhor a sua natureza, nos entrega pontos de partida para a afirmação da fé como um conteúdo racional frente às exigências do mundo atual, tornando possível o diálogo da teologia com as demais ciências, reafirmando a sua racionalidade. O autor, além dessas contribuições, nos estimula a compreender melhor os elementos epistemológicos, filosóficos, linguísticos e racionais relativos à palavra da fé, pois, se compreendemos, fundamentamos melhor a nossa teologia, tornando-nos capazes de responder às razões da nossa fé, e demonstrar o valor que essa palavra guarda em si, levando em consideração o seu poder de “performatividade” e as necessidades do mundo atual.

Referências bibliográficas

- ASTRAIN, R. S. **El lenguaje de la fe en un mundo marcado por la racionalidad científica**. Disponível em: <<http://www.uca.edu.sv/filosofia/admin/files/1201495450.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2018.
- BOFF, C. **Teoria do método teológico**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ESTRADA, J. A. **Que decimos cuando hablamos de Dios? La fe en una cultura escéptica**. Madrid: Trotta, 2015.
- FORTE, B. **A Teologia como: companhia, memória e profecia**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- GRENZ, S. J.; OLSON, R. E. **A teologia do século 20 e os anos críticos do século 21**. Deus e o mundo numa era líquida. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- GRENZ, S. J.; MILLER, E. L. **Teologias Contemporâneas**. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- GRONDIN, J. **Hermenêutica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- GRONDIN, J. **Introdução à Hermenêutica filosófica**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999.

⁶⁶ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 186-187.

⁶⁷ LADRIÈRE, J., A articulação do sentido, p. 187.

- GUARDINI, R. Sagrada Escritura e ciência da fé. In: LA POTTERIE, I. **Exegese Cristã Hoje**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 55-110.
- JAPIASSU, H. **Filosofia da ciência**. Uma introdução. Rio de Janeiro: UAPÊ / SEAF, 2010.
- LADRIÈRE, J. **A Articulação do Sentido**. São Paulo: EPU / Editora da USP, 1977.
- LADRIÈRE, J. **A fé cristã e o destino da razão**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008.
- LADRIÈRE, J. **Bibliographie de Jean Ladrière**. Louvain: Éditions de l'institut supérieur de philosophie Louvain-La-Neuve / Éditions Peeters, 2005. (Bibliothèque philosophique de Louvain, 66).
- LADRIÈRE, J. Comment et pourquoi, personnellement, je crois. **Revue Philosophique de Louvain**, v.106, n.2, p. 248-269, mai./ago. 2008.
- LADRIÈRE, J. **Os desafios da racionalidade**. O desafio da ciência e da tecnologia às culturas. Petrópolis: Vozes, 1979.
- LADRIÈRE, J. **Filosofia e práxis científica**. Rio de Janeiro: Francisco Alvezs, 1978.
- OLIVA, A. **Filosofia da ciência**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- OLSON, R. **História da Teologia Cristã**. 2000 anos de tradições e reformas. São Paulo: Editora Vida, 2001.
- PAIVA, C. H. M. **O problema da racionalidade da fé em Jean Ladrière**. Belo Horizonte, 2016. 106p. Dissertação. Faculdade de Teologia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE.
- PAIVA, C. H. M., Linguagem e Fé na perspectiva de Jean Ladrière. **Theoria**, v.7, n.18, p. 158-165, 2015. Disponível em: <<http://www.theoria.com.br/edicao18/11182015RT.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2018.
- PALMER, R. E. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 1999.
- PANNENBERG, W. **Filosofia e Teologia**. Tensões e convergências de uma busca comum. São Paulo: Paulinas, 2008.
- PEGORARO, O. Introdução. In: LADRIÈRE, J. **Filosofia e práxis científica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. p. 7-19.
- RATZINGER, J. A interpretação Bíblica em crise. Sobre os fundamentos da Sobre a questão dos fundamentos e a abordagem da exegese cristã hoje. In: LA POTTERIE, I. (Org.). **Exegese Cristã Hoje**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 111-140.
- RATZINGER, J. **Fé, verdade e tolerância**. O cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: IBFC Ramon Llull, 2007.
- RATZINGER, J. **Introdução ao Cristianismo**. Preleções sobre o símbolo apostólico. São Paulo: Loyola, 2005.
- RATZINGER, J. **Natureza e missão da teologia**. Petrópolis; Vozes, 2016.
- RICOEUER, P. **Interpretações e ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- TILLICH, P. **Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX**. São Paulo: ASTE, 2010.

VAN PARIJS, P. Jean Ladrière, philosophe de toutes les sciences, penseur de l'espérance. **Revue Philosophique de Louvain**, v.106, n.2, p. 239-241, mai./ago. 2008.

Thadeu Lopes Marques de Oliveira

Mestrando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro / RJ - Brasil

E-mail: thadeufileteoporia@gmail.com

Recebido em: 05/12/18

Aprovado em: 13/05/19